

Práticas e tensionamentos **contemporâneos** no ensino de Jornalismo

Elton Bruno Pinheiro · Rafiza Varão · Zanei Barcellos
organizadores



Práticas e tensionamentos **contemporâneos** no ensino de Jornalismo

Elton Bruno Pinheiro · Rafiza Varão · Zanei Barcellos
organizadores

Brasília
FAC/UNB
2018

capa Rafiza Varão
diagramação Rafiza Varão
revisão Elton Bruno Pinheiro, Rafiza Varão, Zanei Barcellos



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900

Telefone: (61) 3107-6627

E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldês, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cicilia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Covi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

COORDENADORA EDITORIAL

Rafiza Varão

Catálogo na Publicação (CIP) Ficha catalográfica

P912 Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo /
Elton Bruno Pinheiro, Rafiza Varão, Zanei Barcellos, organizadores. –
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018.
241 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web: <[https://faclivros.wordpress.com/
category/livros/](https://faclivros.wordpress.com/category/livros/)>.

ISBN 978-85-93078-34-7

1. Jornalismo – Ensino. 2. Diretrizes Curriculares Nacionais. I. Pinheiro,
Elton Bruno, (org.). II. Varão, Rafiza, (org.). III. Barcellos, Zanei, (org.). CDU 37:07



Feliz é o
professor
que
aprende
ensinando

Cora Coralina

Sumário

9 Apresentação

Parte I: TEORIA

13 Para que teorias? O fazer e o saber do Jornalismo
Luiz Carlos Iasbeck

23 Jornalista profissional: novas competências para o egresso do bacharelado em Jornalismo
Maria Elisabete Antonioli

33 A Transitoriedade da mídia impressa para o formato digital: reflexões da narrativa visual, multimídia e multimodal da notícia
Suzana Guedes Cardoso

47 Os rumos do ensino do Jornalismo: o desafio de formar um novo profissional
David Renault

61 Formação superior em Jornalismo: Análise de diretrizes e propostas de universidades brasileiras
Edileuson Santos Almeida, Ada Cristina Machado da Silveira

73 Redações integradas e trabalho jornalístico: O uso das tecnologias para um trabalho emancipado e emancipador
Carlos Figueiredo

Parte II: ENSINO

87 Experiência didática em Jornalismo: ensino com pesquisa sobre sites de notícias de Cuiabá (MT)

Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini

99 Repórter UFMA e Imperatriz Notícias: relatos sobre as produções audiovisual e em *web* do curso de Jornalismo na UFMA de Imperatriz

Lívia Cirne, Lucas Reino, Marco Antônio Gehlen, Thaísa Bueno, Vítor Belém

109 Experiência de um ensino de linguagem sonora para curso de Jornalismo

Nivaldo Ferraz

119 O desafio do ensino do Jornalismo frente às mídias móveis

Rose Mara Pinheiro

129 O ensino de Jornalismo e a convergência: Integração das redações como proposta pedagógica

Fábio Sadao Nakagawa, Suzana Oliveira Barbosa, Washington José de Souza Filho

139 Impasses e oportunidades para o ensino de Jornalismo: o binômio perfil multitarefas e os processos de precarização

Dione Oliveira Moura, Ana Carolina Kalume Maranhão

149 A perspectiva de gênero no ensino do Jornalismo: uma análise dos projetos pedagógicos dos cursos de Curitiba e Ponta Grossa/PR

Bruna Aparecida Camargo, Karina Janz Woitowicz

163 Ambientes, veículos, processos de produção e
jornalistas mutantes: uma proposta didático-pedagógica
Zanei Ramos Barcellos

Parte III: Diretrizes

177 Novas diretrizes, velhas questões: o currículo do curso de
jornalismo, antes e depois das DCN
Marcio da Silva Granez

189 Cidadania nas DCN e Jornalismo Comunitário: breve
reflexão sobre um panorama nacional do
ensino de Jornalismo
Cláudia Regina Lahni

203A Política de Extensão Acadêmica nas Diretrizes
Curriculares Nacionais do Curso de Jornalismo
Elton Bruno Pinheiro

215 O lugar da ética: Uma análise das recomendações sobre o
ensino de ética e jornalismo nos cursos do Centro-Oeste
após 2013
Rafiza Varão





Parte II

ENSINO



Zanei Ramos Barcellos

AMBIENTES, VEÍCULOS, PROCESSOS DE PRODUÇÃO E JORNALISTAS MUTANTES

Uma proposta didático-pedagógica

Introdução

À exceção das invenções do rádio e da televisão, que se tornaram novas plataformas jornalísticas e demandaram linguagens próprias, nenhuma evolução tecnológica impactou significativamente o jornalismo durante o Século XX. Para o radiojornalismo, da década de 1920 ao final dos anos 90, entre as evoluções tecnológicas mais notáveis estão a gravação em fita magnética e os transmissores acopláveis a automóveis, que possibilitaram, respectivamente, reportagens gravadas e mobilidade às transmissões ao vivo. Na recepção, a invenção do transistor e a consequente portabilidade dos aparelhos de rádio, a partir da década de 1960, possibilitou a individualização e mobilidade à audiência, até então fixa, familiar ou coletiva, ao redor de aparelhos enormes, pesados e conectados por fio à elétrica e a antenas. Se considerarmos os jornais e revistas pós Revolução Industrial, o progresso tecnológico significativamente impactante no Século XX resume-se à impressão offset, mais rápida, de melhor qualidade, que facilitou e barateou a publicação frequente de fotografias coloridas. Da mesma forma, videotape e transmissões por satélite, que agilizaram as reportagens gravadas, “entradas” ao vivo e telejornais em rede de emissoras, talvez representem as raras inflexões causadas por evoluções tecnológicas no telejornalismo da década de 1950 ao final do Século XX.

A relativa estabilidade tecnológica no jornalismo do século passado implicou em processos e rotinas de produção e de difusão de notícias padrões para cada uma das três mídias hegemônicas (impressos, televisão e rádio), adotados por praticamente todos os noticiários e diferenciados entre si por pequenas singularidades. A imutabilidade dos processos implicou, também, no ensino do jornalismo nas universidades, onde as disciplinas voltadas à prática limitavam-se, em geral, a adestrar estudantes aos processos de produção cristalizados. A pesquisa focada na produção, escassa se comparada à atual, partia dos processos padrões. Tanto prática quanto teoria raramente propunham inovações.

A difusão da internet, a partir da segunda metade da década de 1990, modificou esta situação. O jornalismo foi das primeiras e principais atividades impactadas pela rede mundial de computadores nos processos de produção, formatos de apresentação, narrativas e maneira de difusão. Na metade daquela década surgiram no Brasil os primeiros *sites* de notícias para públicos de massa e a partir deles abriram-se infinitas possibilidades de veiculação de notícias pela *web*, possibilidades exacerbadas com a difusão dos *sites* de formação de redes sociotécnicas na década de 2000, popularização dos aparelhos inteligentes na década seguinte e pela rapidíssima disseminação da inteligência artificial (AI) na atualidade. Por outro lado, desde o final do século passado, os negócios de jornalismo tendem a integrar conglomerados infotelecomunicacionais, até como condição de sobrevivência, pois os processos sinérgicos entre diversos veículos e outras empresas necessárias ou facilitadoras das

atividades da imprensa diluem custos e garantem conteúdos multimídias, a partir de então cada vez mais necessários a qualquer mídia (rádio, televisão ou impresso), que, assim, perderam o “purismo” original. As redações, também por economia e por sinergia na produção, convergiram. Algumas chegam a congregar toda a produção de grandes conglomerados de imprensa formados por vários jornais, revistas, *sites*, rádios, televisões, agências de notícias etc., fenômeno que recebeu a alcunha de convergência midiática (JERKINS, 2008).

Este contexto obrigou os jornalistas a adquirirem novas habilidades. Os graduados no Brasil até o fim do século passado, em regra, aprendiam as técnicas padrões de produção de notícias e se apresentavam ao mercado, especializando-se na prática de uma das três principais mídias de então: jornal, rádio ou televisão. Isto também mudou com a internet: as redações convergentes demandam jornalistas capazes de produzir a mesma notícia para diferentes plataformas, o que significa domínio das linguagens de TV, rádio e jornal, mais a capacidade de misturá-las em produtos híbridos, de administrar notícias em redes sociais, de formatá-las para plataformas emergentes, como *smartphone*, e de criar narrativas inovadoras a cada *protoplataforma*¹ que surja. Porém, diferentemente do relativo marasmo tecnológico do Século XX, atualmente, diariamente emergem evoluções tecnológicas úteis ao jornalismo e, com elas, novas habilidades são exigidas dos jornalistas. O grande desafio atual do jornalista é, portanto, manter-se atualizado com diante do surgimento veloz e ininterrupto destas tecnologias e adquirir as habilidades de manejo; mesmo desafio que se apresenta aos cursos universitários de Jornalismo, que devem formar profissionais nesta realidade e hábeis para trabalhar nela. Este capítulo, portanto, pretende propor alguns direcionamentos didático-pedagógicos às disciplinas práticas/laboratoriais dos cursos de graduação em Jornalismo, em consonância com as diretrizes e com o contexto mutante do ambiente comunicacional atual e futuro relacionado à infinita emergência de tecnologias. A proposta emerge da contraposição e análise das tendências atuais das tecnologias comunicacionais e das estratégias organizacionais dos veículos de imprensa com novas diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação; e de pesquisa aplicada (BARCELLOS, 2018) que vem sendo realizada há três semestres na disciplina Campus Multimídia, do Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB).

Novas Diretrizes e o contexto tecnológico

Esta seção mostra algumas tendências e evidências relacionadas ao futuro do jornalismo e da profissão de jornalista, e as confronta com as novas diretrizes curriculares, assim como aponta como a imprensa tradicional brasileira, embora inserida compulsoriamente no digital, ainda pensa, em se tratando de negócios, como nos tempos do jornalismo puramente analógico.

Futuro próximo

A Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2013), estabeleceu as novas diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Jornalismo bem alinhadas à realidade do ambiente comunicacional do início do Século XXI, tanto que retirou o impresso do cerne do ensino do Jornalismo e alocou a convergência midiática na posição central. Agora a base do ensino e meta da formação não é mais uma mídia cristalizada, com métodos de produção e distribuição bem estabelecidos, mas um jornalismo plástico, informe e mutante, qual seja, o jornalismo convergente, multimídia. A plasticidade atual do jornalismo assim seguirá porque a rede mundial de computadores e o digital de forma geral possibilitam infindas maneiras da notícia chegar com eficiência aos receptores, denominação não mais adequada ao público porque a interatividade das redes possibilita a todos apossarem-se da notícia e interferirem nela de várias formas, como colaborar na produção, acrescentar análises e opiniões, direcionar a distribuição e, até, distorcê-la. É o jornalismo transmidiático que, mesmo sob protestos do difusor do termo “transmídia” na era digital, Henry Jenkins (2011), foi encampado por outras áreas, entre as quais o jornalismo (SCOLARI, 2011). O jornalismo transmídia, portanto, permite matérias interconectadas

¹ Vamos nos permitir um neologismo para nominar as ferramentas ou evoluções tecnológicas emergentes que possam vir a ser suportes ou plataformas para narrativas jornalísticas e/ou para sua difusão.

por links, tecendo rede cujos nós são representados por matérias completas independentes, formando uma hipermídia que possibilita navegação individualizada, adequada a cada um, permitindo mesmo sua interferência nos conteúdos e até a criação de outros derivados. O receptor virou o prosumer de Alvin Toffler e sua atuação, portanto, deve estar consciente pelo profissional em todas as fases do processo de produção/difusão da notícia.

Devido à atual efemeridade das tecnologias, os processos de produção jornalística, mesmo os desenvolvidos após a digitalização, se tornam obsoletos na mesma velocidade que as tecnologias. Assim, pode-se arriscar que no Jornalismo contemporâneo a obsolescência de processos de produção, formatos e narrativas são tão velozes que implicam na necessidade de mudanças, na mesma velocidade, nos métodos e técnicas de formação de jornalistas. O Fórum Econômico Mundial concluiu que, em qualquer curso técnico de quatro anos de duração ministrado atualmente, metade do conteúdo ministrado no primeiro ano estará ultrapassado quando o aluno se formar (MICROSOFT, 2018). O Fórum também prevê que, em dois anos, mais de um terço das habilidades demandadas pela maioria das ocupações não são consideradas cruciais atualmente. Portanto, na antevisão do Fórum, a tecnologia impactará significativamente nas habilidades necessárias em todas as categorias de trabalho técnicas, nas quais se pode incluir o jornalismo. Da mesma forma, prescreve as ações necessárias no presente para gerenciar estas tendências, o que, sem muitas adaptações, pode servir também ao ensino e ao mercado de trabalho de jornalismo: garantir que todos “(...) possam continuamente aprender e adquirir novas habilidades”. (MICROSOFT, 2018, p. 99, tradução nossa²). Isto evidencia não só uma graduação flexível como também a necessidade de cursos de pós-graduação para o aperfeiçoamento e atualizações aos formados.

O ecossistema educacional precisará envolver também; ajudar os profissionais a tornarem-se eternamente aprendizes, capacitar os indivíduos a investirem nas habilidades exclusivas do ser humano, e a misturar educação constante com trabalho em tempo integral e sob demanda. (MICROSOFT p. 91, tradução nossa³)

Fica evidente nesta prescrição também a importância do viés não tecnológico nas habilidades futuras do jornalista e que podem ser o diferencial de cada um, suas habilidades humanas únicas e exclusivamente humanas, o que pode significar a sobrevivência da profissão à automação; mas, por outro lado, antevê o afrouxamento da relação trabalhista com as empresas e o rompimento das leis e acordos trabalhistas relacionados à carga horária. O trabalho do jornalista pode não vir a ser “full time”, mas o jornalista estará predisposto permanentemente e trabalhará quando, onde e para quem for necessário.

Ainda sobre o mercado de trabalho futuro e habilidades necessárias, o jornalismo já experimenta processos robotizados na produção de notícias que extrapolam as ferramentas de busca e buscas automatizadas de informações síncronas ao processo de redação. Estes processos tendem a sofisticarem-se e atingir automação quase total, como ocorre em diversas organizações nacionais e internacionais de imprensa. Hoje a inteligência artificial (AI) já redige e posta matérias sem a interferência humana e pode misturar informações coletadas em diversos textos criando notícias inéditas, com foco próprio. Se, por um lado, esta realidade alerta a profissão para um possível encolhimento em certas funções nas empresas jornalísticas, por outro, nos parece, abre oportunidades para programadores jornalistas, uma vez que se trata de função que exige destreza nas duas habilidades: jornalísticas e informáticas. Sobre a necessidade do jornalista ser, até certo ponto, um programador, há uma constatação em favor do jornalista: o breve histórico da comunicação digital mostra que as interfaces dos principais softwares necessários à profissão se tornam rapidamente bem amigáveis e operáveis por qualquer profissional razoavelmente adestrado.

Também a recepção de notícias tende à automação total pelo que Barcellos *et al* (2017) denominam de “jornalismo das coisas”, processo pelo qual o indivíduo, sem necessariamente ter demandado, recebe automaticamente notícias consequentes dos algoritmos produzidos pela AI em

.....
2 [...] can continually learn and gain new skills.

3 The education ecosystem will need to evolve as well; to help workers become lifelong learners, to enable individuals to cultivate skills that are uniquely human, and to weave ongoing education into full-time and on-demand work.

função das suas ações na rede, devidamente formatadas aos aparelhos a ele disponíveis nos momentos e situações mais adequados. Este processo pressupõe intenso processamento de notícias pela AI e os seres humanos jornalistas deverão trabalhar com elas de maneira completamente diferente do que fazem atualmente, formatando as notícias de maneiras múltiplas, algumas ainda não definidas. Pode-se antever, diante da iminência do “jornalismo das coisas”, que as matérias e veículos jamais terão o novamente formatos rígidos como nos tempos de domínio do jornal impresso. O jornalismo eternamente mutante é o futuro, se já não é o presente.

Este caráter mutante da profissão e a necessidade das universidades atentarem para a inovação, quer no ensino como na pesquisa, está presente em diferentes Artigos da Resolução CNE/CNS 1/2013. O Artigo 3º, Parágrafo VIII, por exemplo, coloca a inovação quase como condição sine qua non para o sucesso na profissão de jornalista, para a sobrevivência dos veículos e até do jornalismo. Está neste artigo que os cursos devem enfatizar, na formação dos futuros jornalistas,

[...] o espírito empreendedor e o domínio científico, de forma que sejam capazes de produzir pesquisa, conceber, executar e avaliar projetos inovadores que respondam às exigências contemporâneas e ampliem a atuação profissional em novos campos, projetando a função social da profissão em contextos ainda não delineados no presente [...]

Se a ação da inteligência artificial e o jornalismo das coisas já são perceptíveis aos mais atentos, é de domínio geral que o ensino e a prática do jornalismo precisam ajustar-se às dinâmicas do ambiente comunicacional criado pela internet amplamente difusa desencadeado na segunda metade da década de 1990 e exacerbado na década seguinte com a ampla proliferação das redes sociotécnicas. Nos parece que Resolução CNE/CES 1/2013 está perfeitamente alinhada a estas evoluções e outras por virem; porém nem todos os cursos de Jornalismo e bem menos o mercado têm administrado a contento as possibilidades das redes e da internet a contento no ambiente comunicacional. Assim como antes o cerne era o jornal impresso, hoje o centro, para muitos veículos e alguns cursos, é o *site*, que já pode ser considerado ultrapassado.

Futuro do pretérito

O futuro muito próximo do jornalismo das coisas e da preponderância da inteligência artificial são inexoráveis; um jornalismo difuso no ciberespaço, não localizável em um ponto, porém com novas e antigas marcas caracterizadoras de linhas editoriais e atestadoras de credibilidade a conteúdos formatados em múltiplas mídias emerge como o jornalismo do porvir. Apesar desta tendência, o jornalismo brasileiro hoje não aproveita bem as tecnologias comunicacionais disponíveis e ainda tem como modelo o impresso, replicado nos *sites* jornalísticos. Os grandes conglomerados, os pequenos grupos e os veículos isolados de imprensa, em geral, consideram os portais e *sites* sua versão digital, arremedos de jornais em papel, que se diferenciam das versões impressas apenas pelo acréscimo escasso de conteúdos em outras mídias, em geral vídeos, alguns poucos áudios, animações e interatividade na infografia. Os grandes e pequenos distinguem-se entre si no aproveitamento do digital basicamente na quantidade de conteúdos além de textos e fotos porque os maiores se apossam de matérias produzidas em outras mídias pelos seus canais associados de TV, emissoras de rádios e revistas, e também porque podem manter equipes de jornalistas, de arte e de técnicos exclusivas para os portais. Mas raros são *sites* jornalísticos nativos digitais significativos e praticamente inexistentes outros formatos de veículos que não os *sites*, a não ser experimentais, mérito de algumas universidades, a exemplo de veículos jornalísticos produzidos especificamente para redes sociais, para *smartphones*, ou formados pela associação de meios digitais (híbridos, multiplataforma) ou mesmo outros formatos inovadores possíveis e viáveis diante das tecnologias disponíveis.

O grande número de jornais impressos fechados nesta década no Brasil e exterior, até mesmo alguns associados a conglomerados comunicacionais fortes, fracassos no geral atribuídos à concorrência das notícias gratuitas ou baratas disponíveis na rede mundial de computadores, mostra, na verdade, a lentidão ou inabilidade de adaptação da imprensa à era digital, à falta de visão estratégica alinhada

à Era da Informação. Negócios de comunicação digital são geridos, em geral, à moda dos tempos da comunicação analógica.

Mesmo o *paywall* – um arremedo da venda de assinaturas, uma das principais fontes de ingressos para os jornais e revistas –, solução adotada por boa parte dos grandes jornais/portais brasileiros e comemorada como sucesso pelo aumento das assinaturas digitais concomitante à queda nas tiragens e assinaturas dos impressos, nos parece ainda incipiente e pouco consistente para ser considerado realmente como sucesso. O *paywall* mais adotado no Brasil permite ao leitor acesso a um pequeno número de matérias sem cadastro, a número maior para os leitores cadastrados, e acesso ilimitado, com direito aos conteúdos exclusivos, somente aos pagantes. O Instituto Verificador de Comunicação (IVC) aponta significativo aumento no números de assinantes em jornais que o adotaram, porém um decréscimo também significativo de assinantes das suas versões impressas. O ano de 2016 seria de inflexão quando os principais jornais nacionais, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, teriam invertido a relação entre assinantes das versões digitais e impressas (KNIGHT CENTER, 2016). Embora a tendência tenha sido apresentada como prova do sucesso da implantação do *paywall*, este sucesso, em termos de negócios, pode ser questionado porque o resultado em faturamento destas empresas não é divulgado paralelamente aos números relacionados aos assinantes. O questionamento se justifica ao se considerar apenas alguns fatores como o valor da assinatura mensal do impresso ser, no mínimo, quinze vezes mais caro que o da digital, além do preço da publicidade digital ser muito mais barata que no impresso; se bem que as versões digitais não têm os altos custos de impressão e distribuição e ganham também na possibilidade de alcançar públicos geograficamente distantes. Outro fato a acrescentar à discussão sobre este modelo de negócios é o encolhimento de um dos grandes jornais brasileiros associado ao IVC, a *Gazeta do Povo*, que o adotou simultaneamente à *Folha e Estadão* e, a partir de então, passou a encolher a redação e, em 2017, restringiu-se a apenas uma edição impressa nos fins de semana e a versão para *tablets* e *mobiles*, com linha editorial diferente daquela que tradicionalmente a ligava ao seu público.

Por outro lado, grandes jornais internacionais altamente inovadores e até adiantados em relação às torrentes evolutivas da tecnologia, como o *The Guardian*; ou os imprescindíveis aos seus públicos dado os conteúdos exclusivos, como o *The New York Times*, mantêm-se inabaláveis nas suas versões impressas e digitais. O NYT, por exemplo, mesmo com seu conservadorismo editorial, quando se trata de negócios está na vanguarda, tanto que sua estratégia de negócios atual reconhece o declínio de formatações para computadores fixos e *tablets* e prioriza conteúdos adequados para *smartphones*.

Passamos por uma barreira psicológica... No desktop e no tablet você pode ficar na similaridade de uma zona de conforto onde a experiência fundamental é surpreendentemente semelhante à leitura de um jornal. Mas o desktop está caindo como uma pedra. Agora é o smartphone. Tudo precisa funcionar no smartphone. (KUENG, 2018, p. 27, tradução nossa⁴)

Evidentemente a discussão merece aprofundamento, até porque emergem outras formas de financiar a produção jornalística em aplicação também no Brasil; porém, de forma geral, nos parece que realmente modelos de negócios dos tempos analógicos não podem ser aplicados aos negócios comunicacionais digitais, o que evidentemente se reflete no ensino do Jornalismo, que precisa de novos modelos, principalmente no que se refere às disciplinas laboratoriais e práticas.

Isto posto, evidencia-se a necessidade de ementas e propostas didáticas para as disciplinas práticas e laboratoriais dos cursos de graduação em Jornalismo adequadas à realidade da imprensa do início do Século XXI que, como no jornalismo atual, precisam ser flexíveis, mutantes e prospectivas em relação a tecnologias emergentes. Faz-se necessário que também as dinâmicas de sala de aula estejam adequadas a alunos que nasceram e realizaram sua formação básica e média na Era Digital, e que portanto dominam as tecnologias digitais e estão acostumados a relacionar-se, pesquisar e desempenhar grande parte de suas tarefas por meio delas. A seção seguinte, então, pretende apresentar

.....
4 We've been through a psychological barrier ... On desktop and on tablet you can stay in a facsimile comfort zone where the fundamental experience is surprisingly like reading the paper. But desktop is falling like a stone. It's smartphones. Everything must work on the smartphone.

à discussão uma proposta didática que nos parece adequada a estas realidades e às novas diretrizes curriculares.

Proposta didática

Há aproximadamente 20 anos os cursos de graduação em Jornalismo começaram a preocupar-se com a necessidade de incluir nos currículos disciplinas relacionadas ao que inicialmente se chamou jornalismo *online*, atropelados que foram pela implantação dos primeiros *sites* jornalísticos no mercado na segunda metade da década de 1990. Em 2002 começamos a usar um *site* de educação não presencial da universidade em que lecionávamos como protótipo de uma “redação virtual” para o jornal laboratório impresso, e logo assumimos a disciplina de Jornalismo *Online* e posteriormente outras correlatas e dedicadas à inovação e à gestão de empresas comunicacionais. Desde então nossas pesquisas e aulas estão relacionadas à comunicação digital, focadas principalmente no jornalismo. A proposta didática em apresentação, portanto, reflete esta experiência, porém centrada nas dinâmicas e pesquisas relacionadas ao ensino teórico e prático do jornalismo digital aplicadas nos últimos três semestres na Universidade de Brasília (UnB).

A disciplina Campus Multimídia, do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB, integra o currículo implantado em conformidade com a Resolução CNE/CNS 1/2013. Trata-se de disciplina laboratorial alocada no 5º período, em posição central no fluxograma da grade curricular, cujos pré-requisitos são as disciplinas de humanidades e as básicas profissionalizantes (rádio, televisão, apuração, texto, fotografia, assessoria de imprensa etc.); e ela própria é pré-requisito para outras de aprofundamento em jornal impresso, revista, jornalismo especializado, telejornalismo e radiojornalismo. Sua ementa, conforme o Projeto Político Pedagógico do curso (PPP, 2017) contempla os seguintes conteúdos:

Laboratório de produção jornalística multimídia. Vivência de rotinas produtivas típicas de redação multiprofissional: elaborar pautas, apurar informações, redigir e editar textos para divulgação em portal de notícias e dispositivos móveis, com o uso de diversos recursos. Podcast, radioweb, webtelejornalismo. Redação de conteúdo jornalístico multimídia. Ferramentas de webdesign e de softwares de edição de áudio e vídeo. (PPT, 2017, s/p)

Como se nota, a ementa foca nos tópicos principais a serem abordados na disciplina, mas não determina nenhuma formatação de jornal laboratório digital, postura que tem se revelado bastante acertada por dar espaço à inovação, à criatividade, prospecção de tendências e sua aplicação experimental.

Vale lembrar que os alunos que estão atualmente na universidade nasceram e foram educados na Era Digital, o que lhes confere, de antemão, domínio ou facilidade para trabalhar com maioria dos softwares necessários às aulas e familiaridade com o trabalho virtual, individualmente ou em grupo. Têm muita capacidade de organização de grupos, porém sofrem do mal que caracteriza nossa época, excesso de atividades virtuais e de informações, sem tempo ou formação suficientes para organizá-las e interpretá-las adequadamente.

Esta seção, portanto, pretende apresentar a proposta didática aplicada na disciplina Campus Multimídia para estabelecer conteúdos práticos e teóricos suficientes à elaboração do projeto de um veículo jornalístico inovador, à sua produção e alimentação ininterrupta com notícias, consoante às tecnologias em voga e vindouras, capaz de proporcionar aprendizado adequado ao exercício da profissão em ambiente futuro incerto. Não se trata de nenhuma receita, muito menos de ensinar professores a como dar aulas, mas simplesmente da exposição de uma proposta que pode servir de inspiração, ser ponto de partida para debates, uma vez nos parecer adequada às mutações do nosso tempo, ao ambiente organizacional atual do jornalismo, às evoluções tecnológicas e à Resolução de 2013.

As dinâmicas didáticas a seguir apresentadas têm como base Paulo Freire (2013) e metodologias ativas em geral. A disciplina começa deixando claro aos alunos que não há uma formatação de jornal laboratório digital pronta a ser aplicada, predeterminada, e que a definição de formato se dará no

decorrer das aulas, coletivamente, tendo como base as tendências das tecnologias comunicacionais e do jornalismo, a serem levantadas pela turma. O Quadro 1 resume os tipos de aulas e esboça a distribuição aproximada dos conteúdos a serem desenvolvidos durante o semestre, nos dias disponíveis para as aulas, considerando-se quatro meses letivos, com três aulas semanais de três horas cada uma, às segundas, quartas e sextas-feiras. Cada item do Quadro 1 será desenvolvido na sequência. A disciplina Campus Multimídia, que produz o jornal laboratório Campus *Online*, e serve há três semestres como objeto de uma pesquisa aplicada que suporta os procedimentos didático-pedagógicos sugeridos neste trabalho.

Quadro 1. Resumo dos procedimentos didáticos e distribuição dos conteúdos durante o semestre letivo

<i>Nº de dias/ aulas</i>	<i>Tipo de aulas</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Dinâmicas</i>
15	Expositivas/ participativas	<ul style="list-style-type: none"> • Tendências do jornalismo atual à luz das tecnologias; • exposição de pesquisas que mostram casos de inovação no jornalismo digital; • prospecção de tendências tecnológicas que podem impactar no jornalismo nos próximos anos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas dialogadas; • pesquisa na rede com apresentações dos resultados; • leitura e discussão dos projetos e relatórios elaborados por turmas anteriores.
10	Práticas dirigidas	<ul style="list-style-type: none"> • Preparação das plataformas para a prática; • debates sobre marcas; • definição de público alvo; • programação visual e material de divulgação; • treinamentos; • elaboração de projeto. 	
20	Práticas/ Autônomas	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de conteúdos simultaneamente para todas as plataformas que formam o Campus Online. 	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos assumem todas as funções jornalísticas.
	Estudos e práticas paralelos	<ul style="list-style-type: none"> • Definidos por alunos em acordo com o professor e toda a turma. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tópicos a serem pesquisados e inseridos na prática.
5	Avaliações, Relatórios, projetos e artigos	<ul style="list-style-type: none"> • Questionários de avaliações específicos destinados a diferentes grupos; • Elaboração de relatórios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos respondem, individualmente e/ou em pequenos grupos; • Alunos elaboram avaliação coletiva.

Fonte: O autor, 2018.

Aulas expositivas/participativas

A definição do jornal laboratório a ser implementado começa com aulas expositivas dialogadas nas quais o professor apresenta as tendências atuais do jornalismo, com base em suas próprias

pesquisas e/ou de outros pesquisadores. Estas aulas “dão o tom” da disciplina porque evidenciam a intensa mutabilidade do jornalismo na atualidade, que com certeza permanecerá e até aumentará no futuro próximo. Perante este aspecto, fica evidente a necessidade de um veículo diferente dos atuais, inovador, uma vez que, quando formados, o jornalismo já não será mais o mesmo e as formatações atuais estarão ultrapassadas. As aulas dialogadas estimulam o raciocínio, a discussão sobre estes aspectos, e embasam decisões a serem tomadas pelos alunos em aulas futuras, bem como os encaminham a alguns dos objetivos principais da disciplina: formar alunos capazes de criar formatos e processos de produção, administrá-los, produzir seus conteúdos e distribuí-los, sejam quais forem as tecnologias disponíveis quando chegarem ao mercado de trabalho.

Pesquisas na internet realizadas em pequenos grupos durante as aulas, a serem apresentadas de forma criativa e discutidas com o grupo maior formado por toda a turma, podem ser uma forma de estimular a curiosidade e a pesquisa, e de diversificar as dinâmicas das aulas, até então expositivas. Estas pesquisas devem versar sobre tópicos cuja necessidade de melhor conhecimento se evidencie com o diálogo decorrente das primeiras aulas expositivas, que os alunos informem ou evidenciem precisar de aprofundamentos e que signifiquem prospecção de tendências tecnológicas relacionadas à comunicação passíveis de impactar o jornalismo. Importante considerar as necessidades e sugestões dos alunos, e muito importante submeter as sugestões à turma antes de realizar as pesquisas. Isto “empodera” os alunos e fortalece o espírito de corpo necessário à produção de um veículo jornalístico, cujo trabalho é de equipe. Na atualidade, apenas para citar alguns tópicos de pesquisa como exemplo, têm sido recorrentes busca por aprofundamentos, atualizações de informações e dados sobre as principais redes sociais, sobre estatísticas relacionadas ao uso das redes sociais no Brasil e sobre o uso de *smartphones* no País. Também vem sendo pesquisados outros tópicos mais genéricos, mas diretamente ligados ao jornalismo presente e ao do futuro imediato, como robótica, jornalismo das coisas, algoritmos e inteligência artificial. Evidentemente os tópicos variam de um semestre a outro, o que é bastante positivo e desejável, uma vez que se trabalha com ambiente tecnológico e comunicacional mutável.

Esta fase contempla também a busca por veículos jornalísticos digitais inovadores, raros no Brasil, à exceção de alguns experimentais em universidades, e que podem ser mais facilmente encontrados no exterior. Estes veículos podem inspirar outros ou seus princípios usados no projeto a ser desenvolvido na disciplina.

A fase de levantamentos na rede e de discussão sobre os conteúdos encontrados pode ser mesclada com a apresentação do projeto escrito de veículo elaborado pela turma do semestre anterior, que a turma atual deverá ou reformatar, se decidir continuar e aprimorar o veículo jornalístico produzido pelos seus antecessores na disciplina, ou mudá-lo radicalmente se optar por veículo totalmente novo. A elaboração ou atualização do projeto se dá de forma coletiva, usando os levantamentos das pesquisas e alguma base bibliográfica alinhada às primeiras aulas expositivas apresentada pelo professor. Na elaboração do projeto, todos os grupos redigem simultaneamente em arquivo único editável por todos. A elaboração do projeto, base de sustentação da prática, prossegue na fase de aulas seguinte, aqui denominada “práticas dirigidas”.

Práticas dirigidas

Durante esta fase ocorre, de forma quase espontânea, a definição do veículo jornalístico a ser desenvolvido no semestre. Caso não ocorra espontaneamente, consequência da lógica apresentada pelo professor, das pesquisas dos alunos e da discussão, há votação em sala de aula ou *online*, após os alunos que desejarem defenderem diferentes opções. A título de ilustração, a opção das três turmas que cursaram a disciplina, na qual esta metodologia foi aplicada, foi produzir um veículo multiplataforma, que usaria redes sociais e um *site* como plataformas, aos quais seriam produzidos conteúdos específicos em narrativas apropriadas, buscando novas narrativas criadas pela turma, em harmonia com as respectivas plataformas e públicos característicos; sendo todas as plataformas independentes, mas interligadas sob a bandeira do nome “Campus *Online*”, geridas e coordenadas por um Conselho Editorial integrado pelos editores-chefes de cada plataforma, chefe de reportagem, secretário de Redação (professor) e chefe da Radioescuta. O Conselho substitui uma chefia única e assim torna as

decisões democráticas, achata as hierarquias, divide responsabilidades, coordena os trabalhos, integra a produção e, principalmente, induz os alunos a discutirem permanentemente vários aspectos do jornalismo atual e futuro. O veículo como um todo, somadas as suas plataformas e outras atividades fora delas, é, portanto, uma soma de narrativas jornalísticas transmidiáticas e multimidiáticas. As três turmas também optaram por produzir conteúdos preferencialmente formatados para recepção em *smartphones*, assim como ter o telefone celular inteligente como aparelho preferencial para fazer toda a produção de conteúdos, para a comunicação interna, para o envio de arquivos, para distribuição do veículo etc. As mesmas turmas preferiram, também, realizar o trabalho majoritariamente em redação virtual, processo pelo qual todas as tarefas jornalísticas são realizadas em conjunto pelo corpo de jornalistas em ambiente virtual, sem a necessidade de uma Redação física.

Nesta fase os alunos gozam de muita autonomia e já percebem alguns temas nos quais precisam se aprofundar e acrescentar ao projeto em elaboração e tarefas que precisam realizar antes desenvolver o veículo. Podem, eles mesmos, estabelecer os conteúdos e tarefas a serem desempenhados nas aulas, conforme o grau de envolvimento e maturidade das turmas. Caso não haja a maturidade necessária, o professor deve intervir, tornando-se mais presente no papel de coordenador.

No caso do Campus *Online*, as práticas dirigidas foram oportunidade de discutir ou aprimorar a segmentação do público alvo, treinamentos para trabalhos em Redação Virtual; produção e/ou adequação da programação visual, estabelecimento de estratégias de divulgação, formação do Conselho Editorial, formação e treinamentos de equipes, preparação das plataformas, adequação da diagramação e navegação do *site* às novidades a serem implementadas, estabelecimento dos horários e rotinas de produção (processos) para cada plataforma, dimensionamento de pessoal e outras. A maioria destas tarefas é acompanhada da inclusão e/ou substituição de textos no projeto em elaboração. O projeto escrito, como dito, conta com a participação real de todos os alunos, porém coordenado por um ou dois alunos e pelo professor.

Práticas autônomas

Nesta fase, se tudo correr adequadamente nas anteriores, os alunos já terão todas as plataformas preparadas, terão definidas todas as funções e dividem-se entre as funções. A definição também se dá espontaneamente ou, quando não há acordo interno na turma, por algum tipo de sorteio que estabeleça a ordem de escolha, sendo que a quase todos caberá alguma opção e não imposição. A esta altura do semestre, os alunos também já estabeleceram os fluxos de produção, os horários e as formas de reuniões de coordenação. No Campus, em geral, tem ocorrido uma reunião presencial do Conselho Editorial por semana, sendo que esta reunião permanece ininterruptamente no grupos de discussão escolhido. Da mesma forma, os contatos dos editores-chefes e chefe de reportagem se dão, também “full time”, por meio de grupos de discussão. O tráfego de matérias ocorre por meio dos grupos e/ou pelo arquivamento em plataformas que permitem compartilhamentos, como Dropbox e Google Drive. Nesta fase, os alunos são incentivados a usar pouco a Redação física disponível, a trabalharem fora dos horários de aula ditados pelas necessidade de uma cobertura em tempo real. A chama é flexibilizada e os alunos que cumprem suas tarefas têm suas presenças validadas.

Este sistema tem se mostrado bastante eficiente e, principalmente, tem levado os alunos ao debate permanente sobre possibilidade de pautas, sobre a definição de pautas, sobre quais as mídias são ideais para as coberturas, sobre a melhor linguagem/narrativa para a matéria conforme a mídia/plataforma a que se destina, sobre os melhores horários de postagens, sobre questões éticas, sobre abordagens, focos e enfoques, sobre os profissionais necessários para cada tipo de cobertura etc. Enfim, discutem a produção jornalística de uma forma bem integrada e atual, fora dos padrões em voga, de forma bem mais participativa que as Redações tradicionais, dentro do espírito de “inteligência coletiva” de Lévy (2011). Nesta fase o professor assume posição bem velada como um dos integrantes do Conselho Editorial, igual aos demais, só interferindo durante as reuniões presenciais ou *online* quando for realmente necessário. Como igual, o professor deve acatar as decisões da maioria, mesmo que vá contra suas preferencias, a não ser quando se tratar de algum erro do ponto de vista jornalístico.

Estudos e práticas paralelos

Uma disciplina laboratorial aberta e mutante permite a inserção de alguns temas de estudos em paralelo aos objetivos principais, que podem ser desenvolvidos por grupos de alunos e aplicados por toda a turma. As sugestões surgem nos debates relacionados aos assuntos previstos e, se a ideia é aprovada pela turma, o aluno ou grupo que sugeriu prontificam-se a fazer estudos abrangendo levantamento teórico e práticas sobre o tema, cujos resultados serão apresentados a todos e algumas medidas serão incorporadas à prática laboratorial. Uma das turmas, por exemplo, trabalhou paralelamente o tema acessibilidade aos veículos jornalísticos e aplicou algumas ferramentas e técnicas neste sentido em todas as plataformas, assim como inseriu no manual de redação algumas recomendações sobre como tratar o tema nas matérias. A mesma turma experimentou fazer algumas matérias e produziu um programete em vídeo, veiculado no *Facebook*, com repórteres, apresentadores e entrevistados comunicando-se em Libras. Em outro semestre, o estudo paralelo relacionado a aplicativos para jornais e a produção de um para o Campus *Online*, em parceria com o curso de Engenharia da Computação. A proposta, além dos estudos e criação do App, abrange sua transformação em nova plataforma que soma-se às demais que formam o Campus *Online*. No segundo semestre de 2018, o Campus *Online* trabalhou com as plataformas *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *site* e começou a experimentar seu próprio aplicativo como porta de entrada às demais plataformas e senso ele mesmo uma plataforma.

Avaliações, relatórios, projetos e artigos

Como informado anteriormente, os alunos discutem, elaboram e redigem em conjunto, nas primeiras semanas de aula, um grande projeto do veículo jornalístico que desejam implementar, que serve principalmente como norte à prática iminente. Além deste trabalho escrito, o método facilita a redação de artigos científicos pelo professor, pelos alunos, em parcerias entre alunos e professor, entre professores desta e de outras disciplinas. Estes textos servem como fonte de pesquisas para trabalhos de conclusão de curso (TCCs), tanto de jornalismo como de outros cursos, e como fonte de informações para grupos e núcleos de pesquisa de diversos cursos. A disciplina serve também como objeto de observação por parte de alunos e professores de outros cursos além do Jornalismo, notadamente da área de computação. O veículo Campus *Online* como um todo, suas matérias, os artigos, relatórios de pesquisas e seu projeto facultam aos alunos e ao curso de Jornalismo sua participação em concursos e premiações. Têm-se como premissa que submeter os trabalhos a eventos e premiações é uma forma de receber avaliações externas à UnB, da academia e mercado.

Internamente à disciplina, o processo de avaliação é permanente e diversificado, com *feedbacks* constantes do professor e dos próprios alunos. Quase todas as dinâmicas iniciais permitem avaliações imediatas da turma e interferências do professor, assim como requerem decisões sobre os procedimentos mais apropriados a serem submetidos à prática. A primeira das duas notas atribuídas aos alunos provém da entrega do projeto escrito coletivo, o qual contempla todas as dinâmicas iniciais e resume os frutos das pesquisas, apresenta as propostas de plataformas a serem postas em prática, os processos de produção, distribuição de funções, horários de trabalho, possibilidade de narrativas etc. Como se trata de elaboração coletiva, a tendência é a atribuição de conceito único a toda a turma, mas, caso algum aluno não tenha participado a contento, poderá ter nota diferenciada. A análise da qualidade e pontualidade na entrega cabem ao professor, que dará *feedback* à turma e, caso ela deseje, pode estender prazo de entrega se acarretar em acréscimos de qualidade no produto final.

Encerrado o período de prática, os alunos respondem, em grupos, conforme as funções que desempenharam, uma bateria de questionários, nos quais não se afere a absorção de teorias ou de conhecimentos práticos, mas pedem-se reflexões e análises, à luz do projeto escrito, sobre o andamento do processo de produção de conteúdos para o veículo produzido. Pede-se levantamentos do que ocorreu a contento ou não, das necessidades de mudanças e adaptações durante a prática, das causas de problemas e soluções encontradas. Solicita-se, outrossim, autoanálises do desempenho dos grupos. Há questionários específicos para grupos formados pelos repórteres, editores e integrantes do Conselho Editorial. Cabe ao Conselho Editorial responder seus questionários próprios e centralizar

a redação de um relatório completo que servirá como referência à próxima turma a trabalhar na disciplina. A própria turma, dentro do espírito de autocrítica, sugere ao professor uma nota geral a ser atribuída a si e pode apontar se algum colega distoou dos demais na etapa de produção ao ponto de prejudicar o trabalho dos demais, a quem poderá ser atribuída nota diferenciada. Evidentemente, cabe ao professor atribuir as notas, mas, em geral, constata-se que as sugestões de notas das turmas ficam aquém da nota lançada pelo professor. Há registros mínimos de nota diferenciada a algum aluno.

Com este tipo de avaliação o que se deseja é fomentar o prolongamento das discussões e reflexões, e assim facilitar aos alunos o rumo ao principal objetivo da disciplina, o de prepará-los para, em futuro próximo, adaptarem as tecnologias comunicacionais em voga às necessidades do jornalismo, a criarem e administrarem produtos jornalísticos inovadores, a estabelecerem processos de produção adequados a qualquer ambiente, e a estabelecerem formas de distribuição de produtos jornalísticos valendo-se das tecnologias comunicacionais vigentes, a trabalharem em ambientes virtuais mutantes, em equipe, de forma autônoma, criativa e inovadora.

Considerações finais

As novas diretrizes curriculares mostram-se adequadas ao ensino do Jornalismo na atualidade principalmente por permitir currículos e ementas flexíveis e em consonância com o ambiente dos negócios jornalísticos e com a emergência veloz e contínua de tecnologias comunicacionais.

As disciplinas práticas e as laboratoriais devem contemplar estes aspectos e abandonar a imitação dos processos e formatos adotados pelo mercado porque, no Brasil, em geral, estão defasados e a mentalidade dos negócios jornalísticos é ultrapassada e, principalmente, porque o futuro comunicacional próximo é incerto e altamente mutante, o que desaconselha currículos e ementas rígidos, sob risco de formar profissionais defasados já à época de entrada no mercado de trabalho.

Da mesma forma, as disciplinas práticas devem valorizar as habilidades em formação de grupos e de relacionamento virtual com as quais os alunos já chegam às universidades e que serão também necessárias na sua vida profissional.

Mais importante que solidificar conteúdos, as disciplinas práticas e laboratoriais devem estimular o raciocínio lógico em relação ao jornalismo em função das tecnologias disponíveis no momento: seus produtos, seus veículos, os processos de produção, os formatos, as linguagens, a maneira de distribuição. Enfim, devem contemplar o fato de que não há nem haverá mais formatos padrões rígidos, como tiveram no Século XX o radiojornalismo, o telejornalismo e o jornalismo impresso.

Referências

- BARCELLOS, Z. R. A dialética como processo didático para a construção de veículos jornalísticos inovadores em ambientes mutantes. In: Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 17, 2018, Palmas, **Anais do 17º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**, Pesquisa na Graduação. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/soac236/index.php/17enpj/17enpj/paper/view/124/84>.
- BARCELLOS, Z. *Et al.* Jornalismo das coisas. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 40., 2017, Curitiba. Anais eletrônicos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0342-1.pdf>. Acesso em: 28, jan. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo**. Brasília, 2013, 8 páginas. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em 12, mai. 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- JERKINS, H. **Transmedia 202: further reflexions**. Confessions of an aca-fan (2011). Disponível em: http://henryjenkins.org/2011/08/defining_transmedia_further_re.html#sthash.bdR1z. Acesso em: 12, maio, 2018.
- KNIGH CENTER FOR JOURNALISM IN THE AMERICAS – **Após adotar paywall, jornais brasileiros batem recorde de audiência e vendem cada vez mais assinaturas digitais**. Disponível em: <https://>

knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-17750-adocao-de-paywall-faz-aumentar-audiencia-de-jornais-no-brasil-e-estimula-venda-de-assi. Acesso em: 20, maio. 2018.

KUENG, Lucy. **Going digital**: a roadmap for organisational transformation. Oxford: The Reuters Institute for The Study of Journalism, 2107. (Série Digital News Project 2017). Pdf.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011

MICROSOFT. **The future computed**: Artificial intelligence and it's role in society. Redmont: 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo**.

Brasília, 2013, 8 páginas. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em 12, maio, 2018.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPT) – CURSO DE GRADUAÇÃO JORNALISMO. Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. jul.,2017, pdf.

SCOLARI, C. A. Transmedia sotorytelling: más allá de la ficción. **Hipermediaciones**, abr. 2011. Disponível em: <https://hipermediaciones.com/2011/04/10/transmedia-storytelling-mas-alla-de-la-ficcion>. Acesso em 12, mai. 2018.

